



## O Jornal Nacional e a Ciência<sup>1</sup>

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes<sup>2</sup>

Diego Andres Salcedo<sup>3</sup>

Larissa Barros de Alencar<sup>4</sup>

Universidade Federal de Pernambuco(UFPE), Recife, PE

### Resumo

Entendendo a informação científica como aquela capaz de contribuir para o desenvolvimento de uma cultura científica, analisamos neste trabalho aspectos relacionados à presença da informação sobre ciência no Jornal Nacional (JN), da rede Globo de Televisão. A partir da observação do noticiário veiculado de 1º de janeiro a 31 de março de 2007, foi possível identificar 88 matérias que traziam informações relacionadas à ciência. O corpus nos permitiu categorizar os tipos de inserção da ciência no JN, esboçar o interesse do JN pelos temas científicos e discutir seu papel na formação de uma cultura científica do povo brasileiro.

### Palavras-chave

divulgação científica; jornalismo científico, telejornalismo; televisão

### Introdução

Ao longo de sua existência, o ser humano desenvolveu recursos tecnológicos que possibilitaram reforçar as relações sociais e transmitir conhecimentos. Mais recentemente, no século XX, ocorreu o denominado crescimento exponencial da produção científica, quando o campo científico se consolidou como espaço privilegiado para o desenvolvimento econômico e social dos países.

Para que o progresso social torne-se uma realidade experimentada na vida cotidiana é imprescindível o desenvolvimento científico e tecnológico, associado a um processo contínuo de socialização e democratização da informação. Para tanto, deve-se atentar para a relevância da divulgação científica para um público de massa, por meio do jornalismo científico, uma prática especializada dentro do jornalismo.<sup>5</sup>

Apresentar resultados de investigações científicas à sociedade é algo próprio da ciência. É assim que a base de conhecimentos da humanidade cresce. Afirmam Meadows (1999, p. vii): “a comunicação situa-se no próprio coração da ciência [...] Isso exige que seja comunicada [...] Qualquer que seja o ângulo pelo qual a examinemos, a comunicação eficiente e eficaz constitui parte essencial do processo de investigação científica.” Como vemos, é extremamente relevante para a sociedade ter acesso ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Comunicação Científica, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora, professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. Recife-PE. E-mail: [isaltina@gmail.com](mailto:isaltina@gmail.com) .

<sup>3</sup> Concluinte do curso de Biblioteconomia da UFPE. Recife-PE. (Bolsista de IC CNPq/UFPE) E-mail: [w159444x@gmail.com](mailto:w159444x@gmail.com)

<sup>4</sup> Concluinte do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da UFPE. Recife-PE. (Bolsista de IC CNPq/UFPE) E-mail: [larybe@yahoo.com.br](mailto:larybe@yahoo.com.br) .

<sup>5</sup> É necessário deixar claro que, em nossa concepção, jornalismo científico é uma das formas de divulgação científica.



conhecimento científico, tornando-se também evidente o papel social da mediação dessa informação. Para Oliveira (2002, p. 13),

[...] o acesso às informações sobre C&T é fundamental para o exercício pleno da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações políticas ligadas a C&T. Entendemos que a formação de uma cultura científica [...] não é processo simples [...]. No entanto, o acesso às informações sobre C&T como um dos mecanismos que pode contribuir de maneira efetiva para a formação de uma cultura científica deve ser facilitado ao grande público carente delas.

Nesse contexto, surge o papel fundamental dos mediadores da informação, entre os quais os jornalistas. A mídia, e no caso específico deste artigo, a televisão, funciona como instrumento de acesso às informações científicas, por vezes auxiliando as pessoas na compreensão dos fatos e perspectivas que cercam suas condições de vida e convívio social.

Sabe-se que o telejornal tem a característica de reportar cotidianamente fatos que ocorrem na sociedade, e, assim, mantém o indivíduo informado sobre os mais diversos acontecimentos. Segundo Bourdieu (1997, p.23): “Há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem nenhum jornal, que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações.” Outro aspecto é lembrado por Andrade (2004, p.16):

As mensagens transmitidas pela televisão são embaladas de forma atrativa, com imagens, cor e movimento. Estes atributos contribuem para torná-las simples, cotidianas, favorecendo a compreensão por parte dos telespectadores, qualquer que seja seu nível educacional e sócio-cultural.

De acordo com Ivanissevich (2005, p.13), pesquisas de opinião realizadas nos anos 90 revelaram que a mídia - a televisão, em primeiro lugar, seguida pelos jornais - é a principal fonte de informação pública “sobre as atividades dos europeus com relação à ciência e tecnologia e seu nível de entendimento sobre o assunto”. No Brasil, a pesquisa Percepção Pública sobre Ciência e Tecnologia (PANELLA, 2007) aponta para resultados análogos aos realizados no continente europeu. De acordo com esse estudo, entre os meios mais utilizados para acessar informações sobre C&T destaca-se a televisão (com 15%), seguida pelos jornais e revistas (com 12% cada).

Por outro lado, não podemos esquecer que a informação veiculada pela televisão sempre foi um assunto polêmico, uma vez que as notícias televisivas costumam ser superficiais ou extremamente espetacularizadas. Existe pouco espaço para a reflexão crítica, por parte do telespectador, e quando se trata de informação científica, percebe-se sua alienação e aculturação científica. Tal situação acaba por excluir o telespectador de assuntos importantes voltados à melhoria de sua qualidade de vida. Segundo Gomes e Salcedo (2005a, p. 541) “Sem divulgação não há impacto e os indivíduos persistem na sua ignorância por não possuírem acesso ao contínuo processo de fazer ciência”.

Promover uma melhor estrutura para a divulgação da ciência, incluindo os resultados das investigações científicas, e criar fluxos de informação visando ao cidadão



comum é de extrema relevância para o desenvolvimento social. "Se bem informada, a sociedade terá as ferramentas necessárias para exigir maior qualidade e terá um melhor discernimento para cobrar investimentos (SIQUEIRA, 1999, p. 13)."

Este trabalho é resultado de uma pesquisa maior que trata do lugar da ciência no telejornalismo brasileiro. Aqui analisamos de que forma se dá a presença de matérias que tratam de ciência no telejornal de maior audiência no Brasil, o Jornal Nacional (JN), da Rede Globo de Televisão. Entendemos que a televisão, sendo a principal mídia informativa do país, não poderia estar apartada de seu papel social de contribuir para o desenvolvimento de nossa sociedade. De acordo com Guerra (2004, p.20), tornar público o conhecimento produzido nas denominadas "comunidades científicas"

tem por fundamento uma missão bastante democrática: levar os conhecimentos científicos para além dos limites da comunidade onde são produzidos, para o público amplo, desprovido, em geral, dos conhecimentos teóricos e metodológicos de que a ciência lança mão em sua rotina de construção do saber.

A maneira de fazer jornalismo em televisão parece se chocar com o conceito que adotamos para divulgação científica, que leva em consideração principalmente a popularização dos avanços e métodos científicos. Além do mais, as características de padronização, superficialização e espetacularização da notícia em televisão, utilizando-se de apelos estéticos, emocionais e sensacionais, como explica Marcondes Filho (1986, p. 13), geram dúvidas em relação à maneira como, nesse meio, os progressos da ciência são veiculados.

Em estudo que comparou telejornais de duas redes de televisão brasileiras e uma norte-americana, Andrade (2004) avaliou o espaço dedicado a informações sobre ciência e tecnologia e chegou a conclusões otimistas.

É através da mediação feita pelos jornalistas que a informação sobre os avanços da ciência e da tecnologia [...] chega à maioria da população brasileira pelos telejornais. [...] Contrariando outra das hipóteses que deram origem a este estudo, a análise dos telejornais evidenciou que esses programas abordam temas de ciência e tecnologia com maior assiduidade e abrangência do que se pode supor à primeira vista e que o cientista aparece na televisão muito mais do que se imaginava. (ANDRADE, 2004, p. 208).

A nosso ver, a autora amplia por demais o conceito de divulgação científica ao sugerir que se "o cientista aparece" já é uma forma de divulgar a ciência. Consideramos que não há divulgação científica efetiva quando um pesquisador simplesmente "aparece" em uma matéria ou quando termos científicos flutuam em meio ao texto jornalístico.

Neste trabalho, encaramos o desafio de não cair na tentação de ceder às características próprias da produção televisiva (prazos apertados, dificuldades de diálogo e de disponibilidade na relação com os cientistas e a própria complexidade dos temas de ciência) para inserir qualquer "aparição" da ciência no telejornal em nosso corpus.

Portanto, é válido questionar se o espaço dos telejornais dedicado à divulgação científica é suficiente para que o cidadão seja realmente informado. Acreditamos que,



para a divulgação da ciência, seus avanços e processos, fatores como a necessidade de uma apuração mais cuidadosa, com maior rigor, e, conseqüentemente, a demanda de um tempo maior para a apuração e produção das matérias, constituem uma barreira importante para que a informação sobre ciência seja prioritária.

### **A ciência no Jornal Nacional**

O Jornal Nacional (JN), nascido em 1º de setembro de 1969, foi o primeiro programa jornalístico da TV brasileira a ir ao ar em cadeia nacional. Na década de 70, os índices de audiência do JN chegavam aos 70 pontos.<sup>6</sup> Hoje, com quase 40 anos de existência, o JN ainda é a principal fonte de informação dos brasileiros.

Com um discurso informal, no sentido de transmitir uma linguagem clara e objetiva e, ao mesmo tempo formal, uma formalidade indicada tanto pelas roupas usadas pelos apresentadores, como também pela fisionomia e seriedade com que os mesmos apresentam as matérias, o Jornal Nacional foi se consolidando e se tornando um hábito para os brasileiros. (TOSCANI, SILVA, OLIVEIRA, 2006, p.9)

A edição que lhe é característica induz ao consumo rápido das notícias, além de assumir uma função anestésica, favorecedora da espetacularização da informação.

O Jornal Nacional [...] não apresenta características opinativas. Seu estilo é o de um noticiário ágil e rápido, construído a partir da alternância e complementaridade de várias vozes – apresentadores, repórteres, comentaristas e entrevistados – que se revezam de forma quase imperceptível na narração dos fatos (ANDRADE, 2004, p. 167).

Para verificar a presença da ciência no JN, observamos, durante o primeiro trimestre de 2007 (de 1º de janeiro a 31 de março de 2007), as edições integrais do referido jornal. Em 78 edições avaliadas, 88 matérias foram selecionadas, perfazendo um total de 39 horas de programa, que constitui o corpus analisado. É importante deixar claro que as matérias selecionadas foram resultado de uma preocupação constante: constituir um corpus que atendesse à definição de divulgação científica por nós adotada e ao tipo de produção tipicamente telejornalística.

A análise desse material incluiu tanto a observação de indicadores quantitativos (duração das matérias, áreas de conhecimento abordadas, instituição de origem da pesquisa ou do pesquisador, nacionalidade da pesquisa ou do pesquisador), quanto das características específicas do discurso veiculado nessas matérias.

Em relação ao discurso, identificamos seis (6) categorias de inserção de matérias sobre ciência no JN: *Pesquisa como foco*, *Pesquisa como referência*, *Evento científico*, *Curiosidades*, *Pesquisa como coadjuvante*, *Especialista-opinador*.

---

<sup>6</sup>Fonte:<<http://www.telehistoria.com.br/canais/jornalisticos/globo/jornalnacional.htm>>. Acessado em 31/01/2008

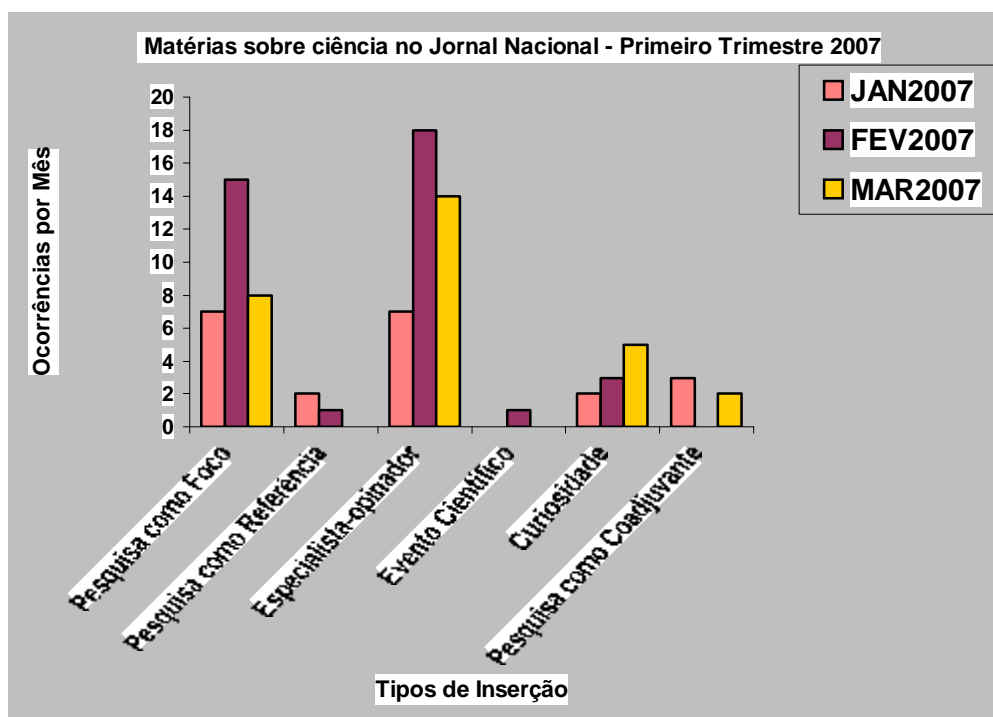


Gráfico 01 – Matérias sobre ciência no JN no primeiro trimestre de 2007

A primeira categoria identificada – e a que nos é mais cara – *Pesquisa como foco* tem como tema principal uma investigação acadêmica desenvolvida por universidades e instituições de pesquisa. O texto do repórter geralmente dá mais destaque aos resultados alcançados, mas também apresenta um resumo da metodologia, ressaltando a possibilidade de aplicação prática e a melhoria da qualidade de vida no futuro.

As matérias do tipo *Pesquisa como foco* encarnam o que imaginamos como ideal para uma reportagem de divulgação científica, pois aborda a ciência como processo. São matérias que têm como razão de existir uma investigação acadêmica desenvolvida por universidades e instituições de pesquisa. Geralmente, têm como gancho a divulgação dos resultados finais do estudo. Ainda assim, as fases do processo científico aparecem, bem como a metodologia adotada. Na intenção de trazer o mundo da ciência para mais perto do telespectador, é comum o uso de metáforas e grande atenção é dada às possíveis aplicações práticas da pesquisa. Números e infografias são recorrentes. Outra característica desse tipo de matéria é a presença da fala do cientista, normalmente explicando melhor a metodologia ou dando a perspectiva social dos avanços alcançados.

Deve-se ressaltar que os resultados das pesquisas são geralmente apresentados como infalíveis. Tome-se o caso da reportagem de abertura do JN do dia 1º de fevereiro de 2007. Tratava-se do relatório da ONU sobre o aquecimento global no planeta. O texto, focado nas alarmantes previsões que resultaram do estudo de dois mil cientistas, traz uma entonação pessimista. O tom é catastrófico. Na frase de abertura, a repórter Sônia Bridi diz: “O planeta vai ficar mais quente e a culpa é nossa”. E ela segue: “Os oceanos vão subir de 28 a 43 centímetros”, “Vamos ver cada vez mais o clima em situações extremas”, “O aquecimento será sentido mais no hemisfério norte”, enfatizando na escolha das palavras usadas na construção das frases uma certeza de que os eventos previstos se concretizarão. Não faz parte do texto nenhum modalizador do tipo “possivelmente” ou “talvez”.

A estratégia de utilização da voz do cientista como recurso à autoridade, moeda de credibilidade comum a todos os tipos de matérias verificadas, é, nesse caso, equivocada. A fala do cientista vem apenas no finalzinho da matéria e pouco acrescenta ao desastre previsto ao longo daqueles 2 minutos e 52 segundos. Ela serve para confirmar tudo o que já havia sido dito. Mas não só para isso. As imagens do pesquisador em frente aos supercomputadores utilizados na pesquisa e já citados por Sônia Bridi tomam 20 segundos da matéria e são indispensáveis para a construção da idéia de ciência.

Outro recurso utilizado para auxiliar na conquista da confiança do telespectador é a repetição do nome da instituição de pesquisa, que é tantas vezes mais repetido quanto maior o prestígio da entidade. No caso da Onu, que coordenou a pesquisa, sua sigla é citada na cabeça e lembrada ao longo do texto, além de identificada nos créditos do pesquisador.

É importante destacar que na construção cenográfica dessas reportagens, os computadores são a principal imagem que se liga à do cientista.

A escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de sua cenografia pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas de um outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar essa cenografia que ele impõe. (MAINGUENEAU, 2006, p. 113)

Estantes com livros também são panos de fundo bastante utilizados na tentativa de despertar na audiência o respeito que o estereótipo do cientista suscita. No caso de pesquisas laboratoriais, as cenas de pesquisadores se debruçando sobre microscópios e de células se repartindo estão sempre presentes. Essa característica é válida para as seis categorias de inserção.

Numa segunda categoria identificada – *Pesquisa como referência* – a reportagem apenas retoma algumas informações de uma reportagem anterior, normalmente os resultados de uma pesquisa, para abordar um novo aspecto da realidade relacionada com o estudo.

No mesmo dia 1º de fevereiro de 2007, logo em seguida à matéria de Sônia Bridi, sobre o relatório da Onu, outra contava aos milhões de telespectadores do JN que os organizadores de eventos estavam ajudando a preservar o meio ambiente em São Paulo. Obviamente, a reportagem aproveitava o tema discutido anteriormente para fazer uma nova abordagem do assunto, centralizando, dessa vez, alternativas para minimizar o problema e situando essa realidade em nível nacional. Esse é o tipo de inserção da ciência que nós classificamos de “Pesquisa como referência”. O estudo da Onu, apresentado logo antes, abre as portas para a nova matéria. Nesses casos, mesmo que a pesquisa não seja citada nominalmente, está clara a ligação temática.

Na reportagem do dia primeiro, o cálculo da quantidade de gás carbônico lançado no ar por um evento, diz o repórter, foi feito por ambientalistas e os números e uma infografia explicando como reverter o efeito estufa surgem no meio da matéria. Nos últimos segundos, uma pesquisadora fala sobre a importância pedagógica de ações de cuidado ambiental por parte das empresas. Poucos foram os exemplos que encontramos desse tipo de inserção, apenas três em três meses de JN.

*Evento científico* foi a terceira categoria identificada, que, em tese, reuniria matérias sobre reuniões de estudiosos para discutir políticas e temas científicos



(congressos, seminários, simpósios, etc). Embora apenas uma matéria tenha sido identificada no corpus analisado, resolvemos manter a categoria, uma vez que esse tipo de matéria, apesar de esporádica, tem um valor inquestionável para a divulgação científica, uma vez que configura-se como um tipo de comunicação científica.

A única matéria do corpus classificada como *Evento Científico* foi ar em 8 de fevereiro de 2007. Seu foco era uma reunião de pesquisadores de diferentes instituições no interior de São Paulo para discutir o risco de áreas do Nordeste se tornarem desertos. Dois pesquisadores fazem previsões e dizem o que a ciência pode fazer pela área, partindo de conclusões já atingidas por estudos anteriores. Acreditamos que reportagens assim popularizam a ciência, e mostram que ela pode dar contribuições à sociedade.

Na categoria *Curiosidades* temos matérias em que temas científicos inusitados são explicados. As curiosidades aparecem na forma de matérias completas – com texto em off do repórter e sonoras<sup>7</sup> –, ou, mais regularmente, como notas-vivo<sup>8</sup>. Essa última opção indica que os temas escolhidos são considerados dignos de menos espaço no telejornal, apesar de interessantes o suficiente para serem citados. Seus temas são normalmente inusitados, destacando ocorrências raras na natureza, tais quais cometas e animais exóticos.

Um exemplo pode ser encontrado na edição do JN do dia 22 de fevereiro de 2007, quando uma nota-vivo sobre uma lula gigante capturada por pescadores na Antártida levou 20 segundos em que dados científicos sobre “o maior ser invertebrado do planeta” eram apresentados. Fátima Bernardes, apresentadora do JN, diz: “Cientistas estimam que (a lula colossal) pode chegar a 14 metros de comprimento”, enquanto imagens da lula fazem parecer minúsculo um homem ao lado da piscina em que ela está nadando. A peculiaridade desse tipo é que a escolha de seus temas advém claramente de um interesse sensacionalista de espetacularizar os fatos.

*Pesquisa como coadjuvante* é uma categoria em que a investigação científica surge como uma parte da matéria, funcionando como o gancho inicial ou um dos argumentos. Assim, a amplitude da produção jornalística vai além da apresentação da pesquisa em si. Ou seja, o estudo está dentro de um contexto maior, a matéria não se restringe, portanto, à apresentação da pesquisa em si.

Uma matéria sobre preocupações ecológicas, em época de aquecimento global, usou como pano de fundo uma pesquisa da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto. Exibida em 21 de março de 2007, a reportagem trazia diversas opções para a reciclagem do óleo de cozinha como uma forma de não agressão ao meio ambiente. Depois de uma contextualização sobre caos ambiental em que estamos vivendo e de como o óleo de cozinha contribui para essa situação, a reportagem traz dicas de como reutilizar o material. É nesse momento que surge a pesquisa acadêmica que transforma o óleo em biodiesel. Para fechar, um ambientalista fala sobre o impacto do óleo jogado no lixo. Exemplo perfeito para essa categoria.

Por fim, a categoria *Especialista-opinador*, de grande recorrência no corpus analisado. Nela, observa-se a presença de um especialista opinando sobre o tema da matéria. Apesar de esse tipo de matéria não ter o avanço da ciência em seu centro, leva em si o discurso científico. São reportagens factuais em que a voz do pesquisador pode ser usada de duas maneiras: apenas como argumento de autoridade ou acrescentando uma interpretação relevante para o entendimento do assunto. Sua inclusão neste corpus

---

<sup>7</sup> Fala do próprio entrevistado que participa de uma matéria para televisão.

<sup>8</sup> Texto curto, de no máximo 40 segundos, lido pelo apresentador e coberto por imagens ao vivo.



deve-se a uma combinação de fatores: citação das instituições a que os pesquisadores estão ligados, uso de termos científicos e caracterização do ambiente de pesquisa.

De acordo com Maingueneau (2006, p. 34), o discurso científico é um tipo de discurso constituinte.

Os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade, eles são os fiadores de múltiplos gêneros do discurso. O jornalista às voltas com um debate sobre um problema social recorrerá muito naturalmente à autoridade do intelectual, do teólogo ou do filósofo [...]

Assim, nessa categoria, o pesquisador surge como a voz da ciência, interpretando fatos do dia-a-dia, oferecendo soluções aos problemas estruturais da sociedade, explicando o que ninguém consegue entender. Um dado curioso é que o tipo *Especialista-opinador* foi o que mais apareceu no período de observação: 39 entre as 88 matérias selecionadas ou 44,31% do total (cf. gráfico 1).

Neste ponto, é importante esclarecer que embasamos nossa análise nos estudos de Maingueneau (2005, 2006), que partem da inseparabilidade entre o texto e o quadro social de sua produção e circulação. Foi de Maingueneau (2006) que absorvemos o conceito de “cena da enunciação”, indispensável à nossa análise. O autor acredita que:

O locutor de um gênero de discurso cotidiano, assim como o professor que dá uma aula ou o jornalista que redige um *fait divers*, trabalha no interior de um quadro preestabelecido que sua enunciação não pode modificar (p. 47).

Quando um repórter de televisão indica ao cientista convidado a participar de uma matéria que ele se sente em frente a seus livros, diante do computador ou finja usar o microscópio no momento da captação das imagens, os atores sociais estão construindo uma cenografia que completa o significado do texto verbal. Em televisão, a imagem também constrói o discurso. Nesse caso, reproduzindo o estereótipo do cientista e, portanto, lançando mão de sua autoridade.

Tomando como base o conceito “cena da enunciação” (MAINGUENEAU, 2005, 2006), avaliamos que, apesar de o discurso científico não ser, no caso dessa categoria, necessariamente provido de fundamentação científica, o total de suas características nos habilita a dizer que há divulgação científica também em matérias em que o pesquisador dá seu parecer sobre um assunto do dia-a-dia.

São matérias factualizadas em que a presença do cientista serve, em muito, para prolongar as discussões sobre o tema. Bom exemplo disso é a cobertura do caso do menino João Hélio. A morte violenta de João Hélio Fernando Vieites, de seis anos, abalou o país e rendeu mais de uma dezena de matérias em que especialistas foram recrutados pelo JN para avaliar a situação da violência no Brasil sob os mais diversos ângulos.

O menino, que ficou preso ao cinto de segurança do veículo em que estava, foi arrastado por mais de sete quilômetros por ruas do Rio de Janeiro pelos assaltantes que roubaram o carro de sua mãe. O crime, ocorrido na noite de sete de fevereiro, abriu o JN no dia oito de fevereiro de 2007. No dia nove, uma matéria trazia ao Jornal Nacional uma antropóloga. A reportagem se baseava em números do Ministério Público do Rio de Janeiro que mostravam mudanças no cenário de crimes no estado. O que estaria uma cientista social fazendo ali? Ela levava o respaldo do seu título, convergiam seus anos



de estudo em 20 segundos em que dizia que “o que nós precisamos é de uma política de combate à violência e à criminalidade que seja realmente eficaz. Fazer com que menos e menos jovens, ao contrário do que acontece hoje, se sintam atraídos pelo dinheiro fácil e pelo poder das armas de fogo”. Essa opinião poderia ser emitida em coro por pedestres em qualquer avenida de qualquer grande cidade, mas, no JN, só um estudioso para validar tal julgamento.

Nas semanas que se seguiram, reportagens avaliaram questões ligadas à educação, às casas de recuperação para menores (já que um dos envolvidos no crime tinha 16 anos), às leis relacionadas, ao perfil dos jovens infratores e à insegurança nas grandes cidades e no interior. Tudo isso com a presença de cientistas à frente de seus livros e computadores, enfeitando matérias inteiras com frases de efeito e soluções levantadas há décadas por brasileiros de todos os tipos e nunca efetivadas. O senso comum abalizado pela autoridade de quem estuda.

Como resultado principal, pudemos observar, portanto, que, no tipo mais comum de inserção de ciência no material analisado, que denominamos *Especialista-opinador*, não é o avanço da ciência o centro da abordagem jornalística, mas a opinião do cientista, o seu discurso científico.

Aqui se pode afirmar que o recurso à autoridade sem dúvida tem grande peso na escolha jornalística por suas fontes. Percebe-se ainda que, quando um assunto é tão relevante que prende a atenção do público mesmo não sendo a novidade do dia, a maneira mais fácil de retomá-lo é chamando um especialista a falar. Nesse caso, o alargamento do prazo para a produção da reportagem flexibiliza o formato primordialmente factual das matérias veiculadas pelos telejornais, dando tempo para que os especialistas no assunto sejam localizados e acionados.

Passemos agora aos quatro indicadores quantitativos. O primeiro deles diz respeito à duração das matérias sobre ciência com relação à duração total dos noticiários. De um total de 39 horas de matérias analisadas, apenas 3 horas e 4 minutos (7,82%) tratam de ciência. O tempo de matérias sobre ciência, ficou assim distribuído: janeiro, com 35 minutos; fevereiro, 1 hora e 29 minutos; março, 1 hora e 1 minuto.

Nos países mais avançados, do ponto de vista científico-tecnológico, a população está bastante informada com relação ao conhecimento científico. Isso é resultado direto de uma educação primária e secundária de qualidade, de políticas públicas de informação científica e atuação contínua dos meios de comunicação. Em contrapartida, no Brasil, afirma Izquierdo (2005, p. 113), “o público conhece pouco sobre ciência [...] um país condenado por sua incapacidade intrínseca”. Corroboram com essa assertiva os números mostrados no primeiro indicador. Três horas e quatro minutos, em três meses de programação telejornalística é muito pouco tempo dedicado à popularização do conhecimento científico.

O fato de o mês de fevereiro, apesar de ser o mais curto do ano, ter tido o maior tempo de matérias sobre ciência está diretamente relacionado ao assassinato do garoto João Hélio Fernando Vieites - mencionado anteriormente - com a proliferação de matérias ligadas à violência, com análises de pesquisadores das Ciências Humanas. Percebe-se também que no mês de março prossegue a seqüência de matérias sobre violência, relacionadas a esse fato, o que sugere mais tempo dedicado à ciência com relação a Janeiro. Inferimos, pois, que se não houvesse ocorrido a brutal fatalidade o tempo de matérias sobre ciência, nos meses de fevereiro e março, estariam mais próximos a janeiro, significando menos tempo no total.

O segundo indicador refere-se às Grandes Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq<sup>9</sup>.

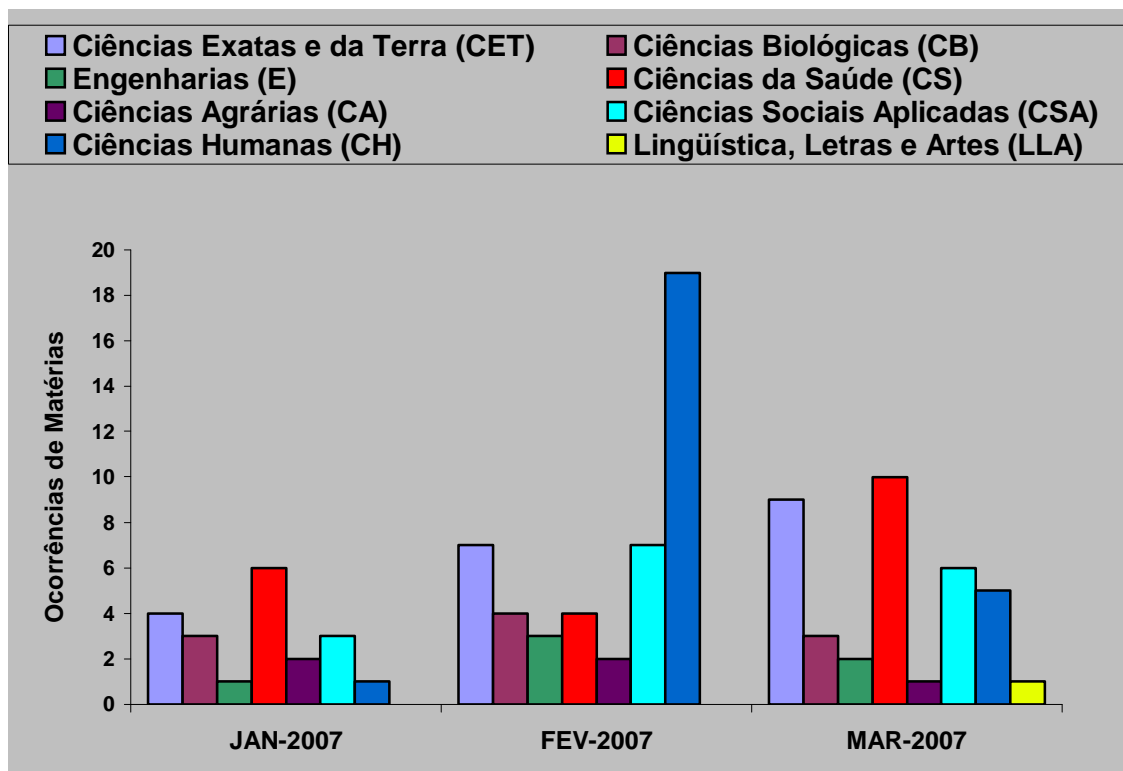


Gráfico 2 – Áreas do Conhecimento - CNPq

Observamos no gráfico acima que, ao contrário de outras pesquisas realizadas (ANDRADE, 2004; GOMES e SALCEDO, 2005a e 2005b; MASSARANI *et al*, 2005), em que as Ciências Biológicas surgem com maior frequência, as Ciências Humanas se destacam. Acreditamos que isso se deve, como já mencionado, à grande incidência de matérias sobre violência observada nos dois últimos meses analisados (fevereiro e março de 2007). Esse fato fortalece a tese de que o telejornalismo prioriza fatos que dêem margem à espetacularização. Percebemos a pouquíssima frequência de matérias (não mais do que quatro matérias por mês) sobre Engenharias, Ciências Agrárias e Ciências Biológicas, além da ínfima participação, no mês de março, de matérias sobre Linguística, Letras e Artes. Certa constância, durante o trimestre, pôde ser observada nos números de matérias das Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas.

o terceiro indicador estabelecido reflete a relação entre a quantidade de matérias nacionais e internacionais.

<sup>9</sup> <http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>

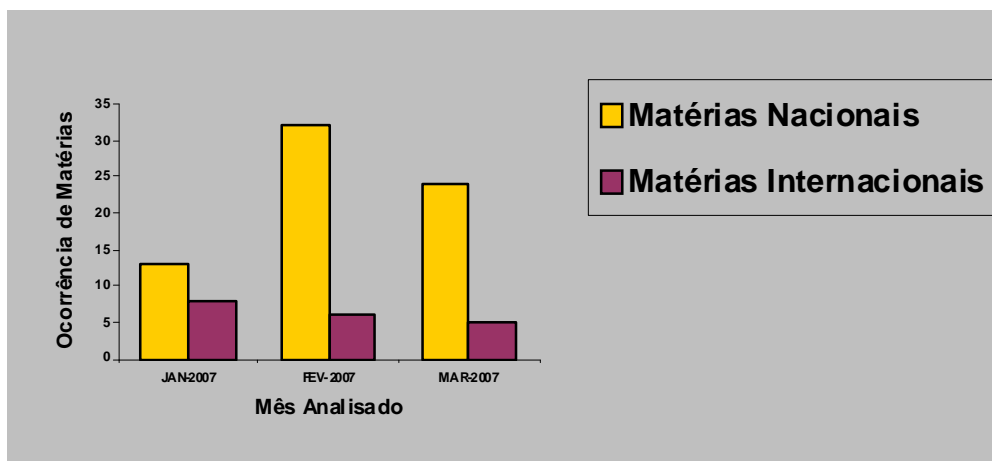


Gráfico 03 – Matérias Nacionais X Internacionais

Das 88 matérias sobre ciência analisadas 69 (78,4%) são de origem nacional e 19 (21,6%) internacional. Nesse trimestre o telejornalismo da Rede Globo enfatizou as notícias nacionais. Apesar de ter havido uma queda mês a mês do número de matérias de origem internacional, isso não necessariamente indica uma tendência e só poderá ser avaliado com a ampliação do corpus, abrangendo um maior número de meses. Por outro lado, percebe-se que o alto número de matérias nacionais, nos meses de fevereiro e março, deve-se ao fato mencionado sobre a violência. Isso sugere que o número de matérias internacionais poderia ser bastante aproximado ao número de matérias nacionais.

O quarto indicador destacado teve como objetivo mostrar quais foram as instituições brasileiras mais citadas nas matérias nacionais. Percebemos que para obter informações para as matérias sobre ciência o JN, em geral, procura três tipos de instituições: as de ensino, as de pesquisa e também empresas estatais. Isso talvez decorra da imagem de credibilidade que as mesmas construíram perante a sociedade.

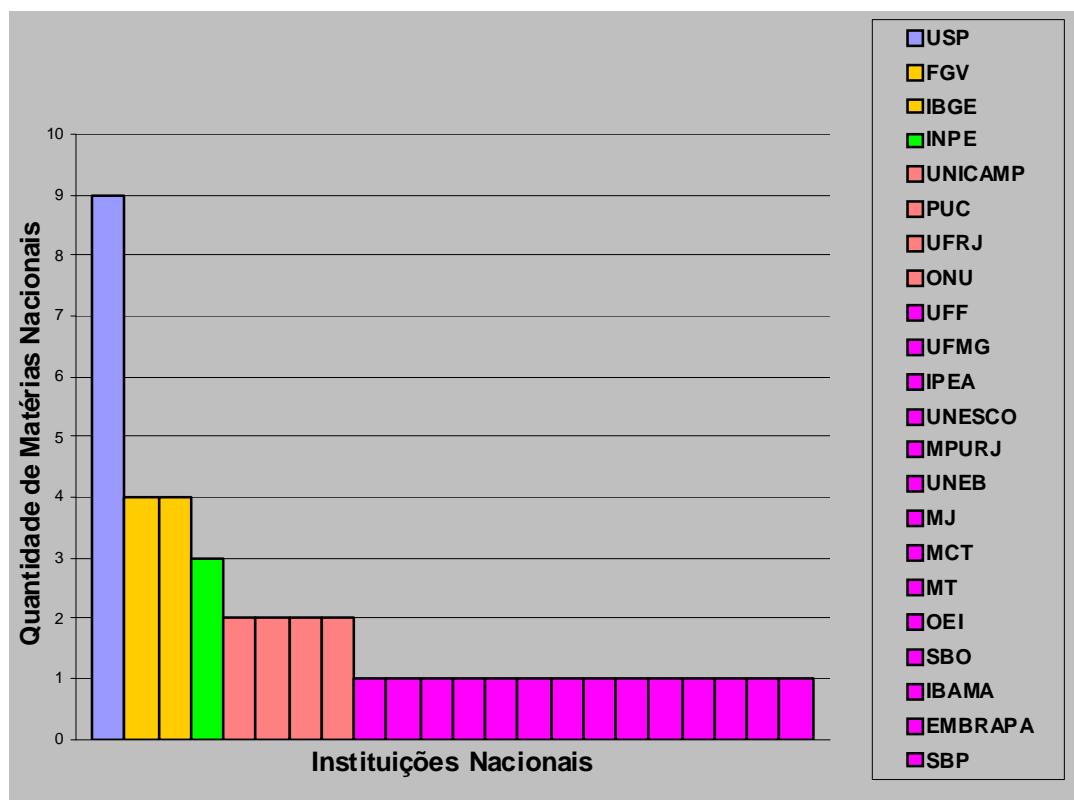


Gráfico 04 - Instituições citadas em matérias nacionais

É necessário esclarecer que, apesar de serem instituições localizadas fora do Brasil, a ONU e a UNESCO figuram no gráfico como instituições locais porque os pesquisadores entrevistados são brasileiros, residentes no país, e funcionários desses organismos internacionais. Das 69 matérias nacionais a USP é a instituição que, no trimestre analisado, foi a mais procurada como fonte institucional pelo JN quando o assunto era ciência. O fato caracteriza tanto a relevância que a USP tem no cenário da pesquisa nacional, como a prática jornalística denominada “uso de fonte viciada”.

Percebe-se ainda que as instituições mais procuradas pelo JN são da região Sudeste do país (as cinco instituições com maior frequência no gráfico). Outro dado importante é que as instituições de ensino superior ainda são as mais procuradas pela Rede Globo para aferir suas matérias. Dois aspectos podem ser inferidos desses dados: a) as universidades são as instituições que passam mais credibilidade à mídia, b) essa credibilidade está centrada nas instituições do centro-sul do país. Dentre as instituições que não são de ensino, o IBGE e o INPE aparecem em primeiro e segundo lugares, respectivamente. Isso corrobora com a tabela das Grandes Áreas do Conhecimento, na qual a subárea “Economia” (IBGE) e “Climatologia” (INPE) surgem com mais frequência nas matérias analisadas.

O fato de que no trimestre analisado a USP foi a instituição mais utilizada como fonte de informação fortifica o lugar comum de que São Paulo é maior produtor de ciência nacional, o que, em grande medida não é verdade. Além disso, centrar as notícias científicas nacionais nas instituições do Centro-Sul do país é desmerecer a produção científica que ocorre no restante do país.

## Considerações Finais

Refletir sobre a produção e o fluxo da informação científica envolve um grande número de questões. Algumas delas, trabalhadas neste artigo, remeteram a um entendimento maior quanto ao papel e a situação do Jornal Nacional junto à divulgação da informação científica.

Em três meses de observação do Jornal Nacional, o mais assistido entre todos os programas de notícias diárias da televisão do Brasil, conseguimos categorizar seis tipos de inserção da ciência em matérias telejornalísticas. *Pesquisa como foco*, *Pesquisa como referência*, *Evento científico*, *Curiosidades*, *Pesquisa como coadjuvante* e *Especialista-opinador* foram os grupos formados a partir da diferenciação entre as matérias. Algumas similaridades podem ser citadas para todos os tipos. Uma delas é que a voz do estudioso surge cheia de verdade e autoridade. Em apenas uma, entre 88 matérias, a fala do cientista foi questionada.

Vimos ainda que a infalibilidade da ciência e suas características espetaculares são rotineiramente exploradas. Essa característica é mais marcante no tipo *Curiosidades*. Foi constatado também um esforço no sentido de divulgar a ciência de uma maneira didática, com a utilização recorrente de infografias e metáforas.

Um dado que nos chamou a atenção foi o fato de a ciência aparecer geralmente diluída nas opiniões dos pesquisadores sobre os temas do cotidiano. O cientista é chamado a explicar os problemas sociais e a oferecer soluções em 44,31% das reportagens selecionadas, grupo que chamamos *Especialista-opinador*. Nossa avaliação indica que a perspectiva do especialista sobre o assunto é o viés preferido de jornalistas para dar prosseguimento a um assunto já apresentado anteriormente (no dia anterior ou em uma mesma edição do telejornal).

Consideramos que o tipo de divulgação científica mais eficaz, aquele que realmente traz as conquistas, explicitando métodos e fases do processo científico, capacitando pesquisadores a falar diretamente a cidadãos comuns, ainda tem pouco espaço no Jornal Nacional. Apenas 34,09% das inserções são do tipo *Pesquisa como foco*. Pode-se dizer, então, que o cidadão que recorre somente a este telejornal como meio de informação está pobremente informado sobre os avanços da ciência.

O papel do Jornal Nacional na divulgação do conhecimento científico, embora exista e seja importante, ainda é insuficiente, principalmente se tomarmos como parâmetro a quantidade de pesquisadores e pesquisas realizadas no Brasil. Corroboramos com essa assertiva o fato de que em 39 horas de telejornal analisadas, apenas 3 horas e 4 minutos foram dedicadas, de alguma forma, à ciência. Na realidade, os dados sugerem que o telejornal analisado, de fato, cumpre o seu papel no campo jornalístico ao priorizar o factual. No entanto, o papel relacionado à popularização da ciência, que implica uma ação cidadã, poderia estar mais presente.

O panorama estabelecido neste artigo serviu, pois, para mostrar que o telejornalismo resiste a popularizar a ciência numa escala mais ampla. Mostrou também que o “vício de fontes” é patente e que instituições da região Sudeste são priorizadas, o que fica claro quando vemos que dentre mais de 30 universidades públicas, a USP surge como a principal fonte das matérias sobre ciência. Evidentemente a questão da localização é um aspecto importante, mas, por outro lado, não se pode desconsiderar o fato de que a Rede Globo tem afiliadas espalhadas pelo país. Ou seja, a distância não é



um argumento forte quando, em tese, há repórteres disponíveis para realizar entrevistas com especialistas nas mais diversas localidades.

Este artigo remete a uma investigação mais acentuada sobre a relação da mídia com o Estado, a ciência e a sociedade. Não obstante, é patente o papel da mídia, que, apesar das dificuldades corriqueiras, tem alguma participação na divulgação da produção do conhecimento científico.

## Referências

ANDRADE, L. V. B. **Iguarias na hora do jantar: o espaço da ciência no telejornalismo diário**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2004.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GOMES, I. M. A. M. e SALCEDO, D. A.; A divulgação científica nos jornais impressos em Pernambuco. In.: Jornada de Iniciação Científica, 9, 2005, Recife. **Anais**, Recife: FACEPE/CNPq, 2005a, p. 541-542.

\_\_\_\_\_. A divulgação da informação científica no Jornal do Commercio. **Ícone**. Recife, v. 1, n. 8, dez. 2005b, p. 80-88.

GUERRA, R. C. A. **O discurso sobre a ciência nas telenovelas O Clone e Barriga de Aluguel**. Dissertação de Mestrado. Recife [PE]: UFPE, 2004, 134p.

IVANISSEVICH, A. A Mídia como intérprete. In: VILAS BOAS, S. (Org.). **Formação & Informação Científica**. São Paulo: Sumus, 2005.

IZQUIERDO, I. Aumentando o conhecimento popular sobre a ciência. In: Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação: desenvolvendo idéias para desenvolver o Brasil, 3, Brasília. **Anais**. Parcerias Estratégicas, Brasília, n. 20, parte 1, p. 113-118, jun 2005.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gênese do discurso**. Curitiba: Criar, 2005.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia: Jornalismo com produção social de segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986.

MASSARANI, L.; et al. Jornalismo científico na América Latina: um estudo de caso de sete jornais da região. **Journal of Science Communication**, v. 4, n.3, set 2005.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

OLIVEIRA, F. de. **Jornalismo científico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PANELLA, C. **Percepção Pública sobre Ciência e Tecnologia**. Brasília: MCT, 2007. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50877.html>>. Acessado em: jan 2007.

REDE Globo de televisão. Disponível em: <[www.globo.com](http://www.globo.com)>. Acesso em: 22 abr 2008.

SIQUEIRA, D da C. O. **A Ciência na Televisão: mito, ritual e espetáculo**. São Paulo: Annablume, 1999.





TOSCANI, A. L. F. C.; SILVA, D. H.; OLIVEIRA, N. P. R. Jornal Nacional, informação x manipulação. **Revista Eletrônica de Comunicação**. Unifacef. jan - jun 2006.